

Lima de Freitas

## Das Geometrias Labirínticas

Abordar de modo forçosamente superficialíssimo a questão das «geometrias» do labirinto, num espaço forçosamente limitado, é uma aposta temerária, uma leviandade que roça a loucura. Usarei do privilégio da «loucura», ainda consentido aos artistas, para tentar traçar algumas das figuras geométricas que se adivinham no labirinto, «geométricas» evidentemente no sentido *acusmático*, e «figuras» sobretudo no sentido dinâmico transfigurativo. Não me é possível desligar a «figura» do «sentido»: o *verbum dimissum* e os retículos geométricos entrelaçam-se no desejo e na esperança dos peregrinos da «Biblioteca de Babel», que Jorge Luís Borges descreve, resumindo instantaneamente a estrutura do nosso labirinto, como uma «esfera cujo centro verdadeiro é um hexágono qualquer e cuja circunferência é inacessível». Nesta definição, de «malha» triangular, que evoca uma célebre definição de Deus, o grande escritor argentino põe imediatamente o problema do centro, o qual me parece ser a questão verdadeiramente crucial da geometria dos labirintos.

De um ponto de vista morfológico os labirintos podem ser considerados de quatro tipos: os labirintos (ou proto-labirintos) em espiral; os labirintos de braços espiralados contornando um centro cruciforme; os labirintos multicursivos, em regra de vocação quadrangular, mas contendo um centro; e os labirintos multicursivos acentrados. Os primeiros labirintos, constituídos por uma espiral, são obviamente unicursivos, isto é, possibilitam um só percurso, sempre curvo, conduzindo fatalmente ao centro; as dificuldades do percurso ou do jogo labiríntico (recorde-mos que os jogos possuem origem divinatória ou sagrada) residem nos obstáculos encontrados na via iniciática – portas defendidas, encontros perigosos, provas ou enigmas a vencer – que aparecem simbolizados ao longo da espiral mística do «Pilgrim's Progress» de Bunyam, ou nas casas especiais do «jogo da glória» (a que os ingleses chamam, significativamente, «snakes and ladders», serpentes e escadas), ou certamente no jogo egípcio da serpente, de que existem representações datando da 5.<sup>a</sup> dinastia. Prosseguindo-se na via até ao fim o centro é sempre atingido; prosseguindo-se ainda, percorre-se a espiral

Nascido em 1927 cursou Arquitectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Foi professor em Aarhus na Dinamarca. Director do IADE, em Lisboa, de 1969 a 1972. e leccionou no AR.CO (Centro de Arte e Comunicação Visual), em Lisboa, (Director-Geral da Acção Cultural em 1977 e de Janeiro de 1978 a Junho de 1982, foi Presidente da Direcção do Teatro Nacional de D. Maria II. Como artista participou em numerosas exposições colectivas e individuais, em Portugal e no estrangeiro, desde 1947. Tendo obras suas nos museus de Évora, Setúbal, Varsóvia, Arte Contemporânea de Lisboa e em colecções particulares. Realizou numerosos painéis murais de azulejos e criou em Porches (Algarve), em colaboração com o pintor Patrick Swift, a Olaria Algarve contribuindo de modo decisivo para a recuperação de uma tradição prestes a extinguir-se. É membro da AICA (Association Internationale des Critiques d'Art – Secção Portuguesa).

Autor de numerosos ensaios dispersos em jornais e revistas, publicou os seguintes livros: *Pintura Incómoda* (1969), ed. Dom Ouíxote; *Voz Visível* (1971); *O Labirinto* (1975), ed. Arcádia; *Almada e o Número* (1977), ed. Arcádia; *As Imaginações da Imagem* (1977), uma colectânea de ensaios sobre temas artísticos e artistas tais como Paul Klee, Dürer, Bosch. António Areal, Charrua, Eduardo Nery, etc. É também ilustrador de vários livros de poesia de autores portugueses.

em sentido inverso e volta-se à entrada. A importância do centro manifesta-se imediatamente: lugar enstático e extático de morte e ressurreição, de confronto final e de prova última, de inversão ou de conversão. Aí se pode morrer sem apelo, aí se pode dar início a um novo ciclo de crescimento bem simbolizado pela espiral. Para as civilizações agrária esses ciclos são os ciclos da própria vida vegetal e animal ligada à Terra Mãe; o *chamane* é o homem dotado de poderes que resultam de ter sido devorado pelo animal, pelo monstro ou pelo labirinto, de ter morrido e de ter sido restituído à vida literalmente «virado do avesso».

A aparição da cidade está condicionada à determinação de um centro na superfície da Terra; esse centro é uma cova onde se enterra a semente que dela ressuscitará em planta; os mortos também serão sepultados para ressurgir nos jardins eternamente floridos do Além; e à necrópole segue-se, enfim, a metrópole. Marcar o lugar privilegiado de um enraizamento na terra corresponde a abrir um sulco, a abrir uma cova, a desenhar uma cruz. Os primeiros labirintos de tipo declaradamente urbano (como os que vemos nas Moedas de Cnossos) organizam-se em torno de uma cruz central e podem ser descritos como as rotações da vida à volta de um ponto definido por duas rectas: a que une o Nascente ao Poente e a que une o Setemptrião ao Meio-Dia. E logo que a cruz horizontal, verticalizada pelo sentido do sagrado, se ergue em «árvore da vida», o terceiro eixo da Urbe aparece, o eixo-do-mundo ligando o Zenite ao Nadir. Podemos já entrever que a estruturai central, fixa e imutável, escondida nas circum-ambulações do labirinto, tal como na cidade dos homens se esconde a Cidade Cósmica visionariamente contemplada por S. João na Jerusalém Celeste, é constituída por três eixos ortogonais e cristaliza-se numa figura a que podemos chamar, como os antigos construtores e os alquimistas, de «pedra cúbica», a pedra caída do Céu, de tantas tradições, *lapis ex coelis* ou ainda, como lhe chamou Camões no poema «Babel e Sião», «cabeça de canto».

Na antiga vocação da Cidade como Cosmos o desenho labiríntico é bem o símbolo quadrangular de um percurso paradigmático, centrado e hierarquizado como o poder dos monarcas, ritualmente organizado como procissão colectiva que reproduz «coreograficamente» os ritmos do Céu e da Terra, o mistério da encarnação dos deuses, os ciclos da vida, da morte e ressurreição. No sítio da cruz central ergue-se agora o Templo, o Trono, o Santo dos Santos, o eixo da Estrela Polar; em torno, os humanos reproduzem com os seus movimentos a marcha dos astros, a passagem das luas e das estações, o nascimento e

as metamorfoses da consciência. Porque, como diz o sábio Alce Negro da tribo dos Sioux Oglala, «sabemos que estamos ligados e unidos a todas as coisas do céu e da terra... à estrela da manhã e à madrugada que com ela chega, à lua nocturna e às estrelas do céu... Só as pessoas ignorantes... vêm muitas (coisas) onde realmente há uma só» (1).

Mas a cidade multiplica-se e prolifera: entramos no terceiro tipo de labirintos. A lei cósmica englobante refracta-se nos miríades de excepções locais, os códigos complicam-se, os registos avolumam-se; o poder central é forçado a delegar-se, carece de memórias especializadas, de regras cada vez mais articuladas com a diversidade dos casos: está em marcha um processo que irá gradualmente – ou repentinamente – provocar a emergência do indivíduo a partir da egrégora, como a estrela se condensa a partir da nebulosa. A procissão colectiva e unânime cede pouco a pouco o lugar à *peregrinatio* individual, à aventura *heróica* e ao itinerário próprio, o mesmo é dizer, à introspecção, à interrogação muda e à diferenciação transgressiva: cada homem irá fazer a sua escolha no campo indefinido das possibilidades e das virtualidades, e à imagem dos heróis dos mitos e das lendas, conhecerá a *errance*, o erro, a perda do sentido, a desorientação, e morrerá tragicamente desesperado no fundo do bátrato ou nas goelas do Minotauro, a menos que um arquétipo redemptor o reconduza para junto dos deuses. Como está longe a espiral maternante, matriarcal, unicursiva, dos antigos pastores e agricultores! Para eles tudo seguia os caminhos imutáveis do ritmo universal, onde cada ser ocupava exactamente o lugar apontado desde sempre, cumpria a função ancestral e preenchia um destino sem opções mas também sem dúvidas. Eis que o labirinto se torna realmente angustiante; não assustador, porque ele sempre o foi de um ou outro modo, mas angustiante: será ainda, talvez, uma via iniciática de transmutação da consciência, mas quantos erros, quantos insucessos, quantos becos sem saída! O centro está algures escondido no dédalo monstruosamente multiplicado, mas como se torna improvável encontrá-lo um dia! E haverá de facto centro? Não será o centro uma saudade irracional, uma superstição, uma ilusão a eliminar? («Porém, murmura Kafka, sentado à janela enquanto a noite cai, sonhas isto para ti próprio»).

A esta situação correspondem os labirintos de via múltipla, isto é, os labirintos que incluem vias barradas, que obrigam ao retrocesso, e onde o caminhante pode de facto *perder-se* até à exaustão. Um passo mais e temos, enfim, os labirintos de via múltipla destituídos de centro. Com eles atingimos a situação da

grande cidade e do homem moderno, no sentido ocidental e urbano do termo. Ninguém melhor do que um matemático seria capaz de resumir, de modo rigoroso, o campo informático, *a-sémico*, do Minotauro moderno. No artigo que escreveu para a Enciclopédia Einaudi sobre o labirinto, Pierre Rosenstiehl conclui com as seguintes palavras: «O labirinto representa a essência dos sistemas reticulares acentrados, nos quais toda e qualquer decisão é tomada localmente. O problema é, pois, compreender em que medida um «viajante» interior ao labirinto, dotado apenas de percepções locais, é capaz de uma acção global que lhe evite infinitos percursos. Do ponto de vista exterior do «arquitecto» do labirinto é possível uma classificação segundo os métodos da topologia combinatória. Em geral, do ponto de vista formal, «resolver» o labirinto significa explorá-lo todo e reencontrar-se no ponto de partida. Adaptam-se perfeitamente a isto os métodos combinatórios da teoria dos *grafos* e das redes. Mas, resolvido o labirinto – acrescenta o nosso matemático – permanece a metáfora, pela qual qualquer pessoa tende a medir o seu próprio progresso pelo avanço em qualquer labirinto; permanecem assim as contradições e as simbolizações da mitologia, persiste intacta a potência mágica do labirinto». Vemos pois que «resolver» matematicamente o labirinto é «resolva-lo» como objecto exterior, como se o labirinto não fosse dotado de consciência (à maneira paradoxal do inconsciente), como se o labirinto não fosse o espelho onde se reflecte a face do próprio «arquitecto». Mas Rosenstiehl é um matemático que sabe isso, é ele próprio que cita o nosso caro Jorge Luis Borges quando escreve, no «*Aleph*», que «a solução do mistério é sempre inferior ao próprio mistério. O mistério procede do sobrenatural ou até mesmo do divino; a solução, da prestidigitação».

Prossigamos o nosso percurso (também ele labiríntico). O mesmo Rosenstiehl, elaborando noutro texto da sua autoria a noção de labirinto como *universo acentrado*, afirma que o carácter dominante do labirinto acaba por ser (na teoria matemática dos retículos de autómatos finitos, *réseaux d'automates finis*, que será perdoado não explicar) o seu *acentrismo*. E ganhando de súbito acentos mais familiares à orelha do artista, comenta: o acentrismo é o «carácter dominante da sociedade formigueira e das sociedades humanas espontâneas (coisa que não sei o que é), todas elas ignorando o «ficheiro central» ou vomitando-o quando ele ameaça». Há um curioso cariz anarquista nesta descrição do acentrismo, mas nada é por acaso. E de facto, o último protesto do notável matemático vai contra a própria noção de centro: «raros são os conceitos da linguagem



*1 - Gravura rupestre, proveniente de Monte Eiró, Marco de Canaveses. Museu Soares dos Reis, Porto.*

científica do passado, afirma o nosso autor, que ajudem a traduzir a ausência de centro num organismo. A nossa língua ama a hierarquia. Os nossos conceitos reintroduzem a hierarquia em tudo, sempre o centro E então, no abstrair o labirinto há talvez uma esperança de balbuciar o *acentrado*, o acentrado, compreendam-me, entendido como uma língua». Eis-nos chegados ao ponto crucial, àquilo a que poderíamos chamar, mesmo contrariando o nosso simpático enciclopedista, o *centro* da questão. O labirinto é também, como todos já entenderam, uma gramática, uma língua, onde o Mesmo procura pronunciar o Outro impronunciável, é essa biblioteca vertiginosa de Babel que Borges diz esconder algures, perdido na infinidade das palavras e dos textos, o nome poderoso e secreto de Deus.

Ora «balbuciar o acentrado», como diz Rosenstiehl, *entendido como língua*, equivale à extracção de Teseu ao labirinto, à arbitrariedade combinatória de todos os sentidos e portanto à desapareição do sentido, ou ainda à produção da palavra sem Deus e sem consciência por detrás: «Teseu torna-se plural»; pior ainda, é substituído pela multidão dos autómatos.

Esta situação de um labirinto *sem mim*, onde nenhuma consciência míope erra e que nenhuma consciência visionária sobrevoa, à espera que os autómatos finitos simultâneos» do teorema de Rosenstiehl, Fiksel e Holliger <sup>(2)</sup> produzam, sem hierarquia centralizadora, um *hapax* colectivo (sendo um *hapax*, no calão respectivo, *uma palavra que só se pronuncia uma vez*, isto é, o oposto exacto da linguagem e o nada do sentido, simetricamente equivalente, no polo oposto ao absoluto de sentido do «nome de Deus») evoca-me certas considerações de Michel Serres, lidas há quinze anos no seu belo livro «*Hermes ou la communication*»: «é pois indispensável colocar-me fora da totalidade dos trajectos no nada do lugar, do sítio, da palavra, do ser, enfim: é preciso que me chame Ninguém. Nesse mesmo momento o vidente único, aquele que vê tudo com um só olhar, aquele que diz tudo numa só palavra, fica cego, reduzido à invocação suplicante, não pode ver, aquele que escolheu ser invisível, aquele que fala no silêncio, aquele que não está em parte nenhuma. Desde que Ulisses não é Ninguém, reside ao mesmo tempo no antro e fora do antro, no interior e no exterior do círculo encantado universal».

Para se entender bem a questão do centro – a visão daquele que vê: o eu que sobrevoa e liga os pontos separados numa hierarquia de distâncias e de relações múltiplas que constituem o *sentido* – é preciso estar pronto a renunciar ao *ego* do racionalismo, do racionalizador. De facto, todo o sentido se apoia

sobre um ponto fixo, mas esse ponto não o escolho arbitrariamente, nem se situa no *ego* consciente, menos ainda no *ego* destilado pelo racionalismo aristotélico e depois cartesiano, hipnotizado pela superstição de acreditar ser ele a escolher o seu próprio ponto de vista. O sentido organiza-se em torno de um ponto fixo, como o ser em torno de uma célula fecundada, mas esse ponto fixo não é consciente: *é simultaneamente consciente e inconsciente*, é a intercepção do plano labiríntico e da vertical do *axis mundi*, verticalização que engloba o superior e o inferior, o céu e o inferno, a luz e a sombra, pressupondo a assintótica anulação dos opostos. Trata-se não do eu consciente tal como o entendemos habitualmente, mas no *Âtman* dos hindús, ou daquilo a que Jung chamou o *Selbst*: só ele é mensagem para si próprio, consciência paradoxal dos dois lados, dentro e fora do «antro de Ulisses», memória do esquecimento, ventre fechado e aberto de todos os mistérios,



2 - Gravura rupestre. Rio Negro, Patagónia (Argentina).  
Combinação invulgar da espiral e da cruz.

presença da ausência, irracionalidade suprema da suprema razão.

Abordar o labirinto equivale também a abordar aquilo a que a psicologia chama o inconsciente. Falar de geometria, por outro lado, é falar de estruturas ordenadoras evidentes para a consciência clara e pensante, manifestadas aos nossos olhos como forma, ordem espacial, número, matriz, invariante. E assim temos, por um lado, o poço em abismo do caos primordial e, por outro, o próprio princípio solar do Logos. Se o labirinto com efeito, é esse túnel subterrâneo onde nos perdemos, sinónimo de angústia, de confusão, de amnésia que se instala; se equivale, noutra registo, a um naufragar numa área obscura onde os sentidos se dissolvem (donde a relação que une a derrocada de Babel com o Dilúvio, visível por exemplo numa das iluminuras do Livro de Horas de D. Manuel); se como antiquíssimo artifício de defesa de um espaço privilegiado (e central!), cuja violação se quer barrar ao inimigo, ao invasor ou ao transgressor eventual, o labirinto, se apresenta como uma prisão, uma armadilha ou uma ratoeira, como o antro terrível de um monstro prestes a devorar a vítima, poderemos adiantar, por tudo isso, tratar-se de uma verdadeira máquina de produzir desordem e de um acelerador de incoerência. Por outro lado, se contemplarmos na geometria, mesmo qualificada de «simbólica» ou de «sagrada», uma disciplina rigorosa cuja essência mesma é a instauração da ordem e da coerência, legítimo parece concluir-se que na expressão «geometrias labirínticas» ou habita uma contradição fundamental.

A quem nele penetra sem «fio de Ariane» o labirinto surge como o próprio lugar da negação de qualquer geometria, como o lugar onde tudo conspira para que o «viajante» perca o centro, os lados, os eixos, as simetrias e todas as pistas direccionais e ordenadoras que são a própria substância e corpo da geometria. Dissemos: «sem fio de Ariane». De facto Teseu, mau grado o susto que a sua aventura deve ter provocado, soube encontrar o caminho da saída graças ao amor de Ariane, que lhe forneceu o novelo de linha encarnada. Eis que o labirinto se mostra resolúvel (ou «extricável») mnemotecnicamente. Por castigo de Minos, como é sabido, Dédalo foi mais tarde preso com o seu filho Ícaro no próprio cárcere que inventara; mas embora a memória dos planos da prisão do Minotauro lhe fugisse já, soube por seu turno evadir-se do labirinto, transformando os braços em asas, à maneira do pterodáctilo, talvez por se lembrar ainda da dança das grou.

Vemos, assim, o enigma do labirinto resolvido de dois modos



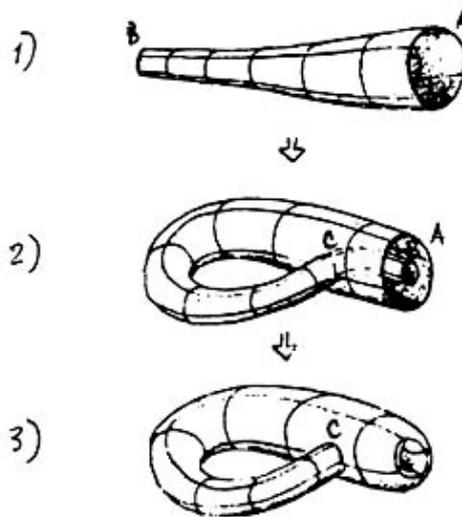
3 - Moeda de Cossos. Museu Britânico, Londres.

diferentes: primeiro horizontalmente pelo aventureiro estrangeiro, graças ao fio da amante-aranha; depois, verticalmente pelo próprio arquitecto, quando se viu prisioneiro do artifício subterrâneo que saíra dos seus dedos – prisioneiro porque os dedos se tinham esquecido do plano do cérebro e haviam perdido o sentido do todo, no jogo de mãos de entrelaçar e desentrelaçar os fios, logo enovelados num «nó górdio». A primeira solução – regressar ao ponto de onde se partiu, muito embora eficaz para todos os fins práticos, como já o sentimos na definição de Pierre Rosenstiehl, promissora inclusive de um auspicioso enlace *animus-anima*, nas pessoas de Teseu e de Ariane, que afinal não chegou a efectivar-se, mostra-se, em última análise, *regressiva*: Teseu, com efeito, tal como nos mostram os seus mitos, veio a revelar-se um «heroe» ou pseudo-heroe da inflação do *ego*, cuja carreira ulterior se distinguiu pela frequência das traições e dos erros, dos esquecimentos trágicos, das infidelidades e das fanfarronadas estúpidas,

vindo a acabar tristemente no inferno, petrificado como o D. Juan da lenda. Dédalo, ao invés, demonstra com o seu vôo (não isento de graves perigos, como Ícaro, precipitando-se no mar, evidencia) haver uma saída *no próprio centro* do labirinto – e uma saída «evolutiva», implicando a subida a um plano superior.

Resumamos o que fica dito o labirinto é um espaço que se fecha sobre o herói e o conduz a um centro perigoso; o, caminho labiríntico equivale a um desenrolar e a um enrolar discursivo; o centro, por pressuposto o lugar mais recôndito e fechado de todo o labirinto, apresenta-se paradoxalmente como o lugar da saída superior. Estas características evocam irresistivelmente as das «superfícies não-orientáveis» estudadas pela topologia, das quais a mais conhecida, o chamado «anel de Moebius», é assim caracterizada pelo prof. Lech Tomaszewski, que conduziu nos anos 60 trabalhos de pesquisa sobre as superfícies não-orientáveis na Academia de Belas-Artes de Varsóvia: «A prova de que uma folha de papel indubitavelmente com dois lados pode ser transformada numa superfície de um só lado foi fornecida pelo matemático Moebius. O chamado anel de Moebius tem, de facto, um número par como grau de coesão (dependendo o grau de coesão,  $s$ , de  $p$ , o número de linhas fechadas que podem existir na superfície mas não a dividem em partes), está ligado apenas por uma aresta: a secção mediana não resulta na divisão em duas partes separadas; um ponto que se afaste continuamente da aresta volta ao ponto de partida» <sup>(3)</sup>. Outro exemplo de superfície não-orientável é a chamada «garrafa de Klein», a qual contra todas as aparências não possui interior ou, por outras palavras, possui o interior e o exterior do mesmo lado. O prof. Tomaszewski e os seus colaboradores estudaram ainda a «superfície de Boy» e outras superfícies derivadas. As propriedades extraordinárias e «alarmantes» das superfícies não orientáveis, a que a moderna topologia chegou a investigar a transformabilidade das formas, determinam aquilo a que o professor polaco chama «um clima muito interessante no estudo da topologia» e que caracteriza em três pontos: trata-se das primeiras descobertas ligadas a um esforço para ultrapassar as verdades intuitivas adquiridas, exigem grandes dotes de uma imaginação especial; enfim, apresentam um factor de irracionalidade. Esta «irracionalidade» (que podemos considerar uma super-racionalidade) já nos apareceu no exame das saídas do labirinto de Teseu e de Dédalo: se este se evade voando, a partir do interior mais secreto e escondido, é porque esse interior coincide, de modo «ilógico», com o próprio exterior, como se se

tratasse de uma «garrafa de Klein»; e portanto o labirinto não é um espaço fechado, é uma prisão aberta, onde queda recluso apenas o prisioneiro «míope» que não levou suficientemente longe a sua marcha em *direcção ao centro*, o qual se descobre estar «em toda a parte», nem fora nem dentro porque deixamos de existir, a partir dessa consciência, o «dentro» e o «fora» irreduzíveis da lógica corrente. O problema do labirinto e da sua «geometria» surge-nos, a esta luz, como o de um espaço cuja estrutura se mostra incoerente e até mesmo inconcebível aos olhos do «viajante» de curtas vistas e exausto, que se deixa afundar na angústia e na amnésia; como poderá esse pobre prisioneiro do dédalo conceber, na verdade, que o corredor onde se perde descendo sobe, fechado se abre e acabará, contra toda a verosimilhança, por unir num só lado a (finalmente) ilusória bilateralidade ou dualidade do real? Acreditar em semelhante



4 - Diagrama mostrando as fases da construção da chamada «garrafa de Klein»: um tubo que vai estreitando em direcção a uma das extremidades é envurvado de modo a autointerceptar-se; em seguida é prolongado até ao exterior e unem-se as duas extremidades, formando uma superfície contínua. Obtém-se deste modo uma estrutura geométrica não-oriental, desprovida de interior fechado, isto é, simultaneamente fechada e aberta.

tecido de contradições afigura-se loucura afastada de toda a razão...

Para a física moderna, segundo Fritsch, o espaço define-se como «uma multiplicidade cujas relações de contiguidade podem ser definidas»; e para Michel Serres – comentando Foucault – «a experiência da loucura confunde-se com a da vizinhança imediata de todos os portos possíveis do espaço». Temos pois que o «hapax colectivo» anunciado por Rosenstiehl se confunde com a «palavra» *acentrada* e única da «loucura», num campo labiríntico definível como o espaço esquizofrénico da multiplicação indefinida de Teseus e conducente à evaporação final de todo o sentido – sendo o «sentido» entendido como o laço, o movimento da libido ou a tensão do desejo vital que coordena os espaços e os tempos num acto coerente e dinâmico análogo ao acto sexual. A palavra única do *hapax*, produzido pelos «autómatos finitos», corresponde a um pseudo-sentido cujo centro, ao invés de estar em toda a parte, não está em parte alguma – imitação impotente da palavra de poder, do *Fiat*, mas *fiat* sem *lux*, inversão, implosão negra, ecoando indefinidamente, horizontalmente, na proliferação cancerosa dos corredores labirínticos que, como escreveu o poeta Michaux, abrem sobre outros corredores:

*La prison ouvre sur une prison  
Le couloir ouvre un autre couloir:  
Celui qui croit dérouler le rouleau de sa vie  
Ne déroule rien du tout.*

E todavia, feita certa «torção» – como a que se opera no anel de Moebius – ou certa auto-intersecção – como na garrafa de Klein – a «loucura», a incoerência e o «irracional» revelam ser a própria verdade irrecusável e «experimental», por mais perturbador que nos pareça: eis que a superfície não-orientável (e desorientante) do labirinto revela a sua geometria improvável e eis que, a partir de um certo *déclíc* de consciência, o labirinto retoma o seu papel de jogo iniciático, revelando a identidade do Mesmo e do Outro, apagando as dualidades angustiantes e as oposições intransponíveis e conduz o «viandante» ao próprio *Oriente* de todas as orientações possíveis. Simultaneamente dentro e fora do labirinto e do mundo, ele sabe agora que transporta o centro no seu próprio «coração», que ele está onde está a sua consciência mais alta. O labirinto, que o devorara como a baleia a Jonas, devolve-o à liberdade, ao «exterior» pneumático do que fora um «interior» petrificante; como um

*mandala*, aponta agora o *orient*e fixo, o eixo imutável, a escada de Jacob, a Montanha Celeste, a Ursa Maior, o Polo Norte.

Na sua face escura o labirinto é, pois, infernal, confuso, desintegrador, caótico e sem número: sabiam-no os Maias que no seu calendário, onde deuses e números são uma e a mesma coisa, só às potências infernais não atribuíam número, ou data, relegando-as para os «cinco dias sem nome» do fim do ano. Mas na sua face luminosa (que é a mesma, mas iluminada), o labirinto aparece como um *transformador*, que revela ao iniciado a figura escondida do mundo, a matriz divina dos números, os ângulos – ou anjos – da sua geometria sagrada. Já tentei dizê-lo no capítulo «Mandala e Cidade Celeste» do meu livro «O Labirinto» publicado há dez anos. Bastará acrescentar aqui, e porque já me alonguei demasiado, que a chave geométrica da transformação que referi – verdadeira «transmutação» no sentido alquímico do termo – está discretissimamente indicada por Dante na visão que liga o Purgatório ao Paraíso, na «confluência dos dois mares» como diria Corbin, tal como está nas palavras de Ezequiel ao descrever a visão das asas cobertas de olhos.

(Comunicação lida no colóquio sobre labirintos, em 5 de Julho de 1984. no C.A M da Fundação Calouste Gulbenkian.)

**Notas:**

(1) Cf. «*Shamanic Voices*», de Joan Halifax (ed. Penguin Books, 1980).

(2) P. Rosenstiehl, J. R. Fiksel, A. Holliger, «*Intelligent graph: Networks of finite automata capable of solving graph problems*», in «*Graph Theory and Computing*», Academic Press, 1972. Cit. por Rosenstiehl, em «*Les mots du Labyrinthe*».

(3) Lech Tomaszewski, «*Nonorientable surfaces*», in «*The Situationist Times*», N.º 4, 1983

**Referência**

FREITAS, L. - Das Geometrias Labirínticas. Revista ICALP, vol. 2/3, 1985, 69-81.